

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
COORDENAÇÃO DE TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM TECNOLOGIAS, COMUNICAÇÃO E TÉCNICAS DE  
ENSINO**

**DANILA GOMES CORRÊA**

**COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO ESCOLAR EM TEMPOS  
MIDIATIZADOS**

**MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**CURITIBA**

**2020**

**DANILA GOMES CORRÊA**

**COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO ESCOLAR EM TEMPOS  
MIDIATIZADOS**

Trabalho de Monografia apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Tecnologias, Comunicação e Técnicas de Ensino, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Camilo Catto

**CURITIBA**

**2020**



Ministério da Educação  
**Universidade Tecnológica Federal do Paraná**  
Câmpus Curitiba

Nome da Diretoria  
Nome da Coordenação  
Nome do Curso



---

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

### **COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO ESCOLAR EM TEMPOS MUDIATIZADOS**

por

**DANILA GOMES CORRÊA**

Esta Monografia foi apresentada em 12 de setembro de 2020 como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Tecnologias, Comunicação e Técnicas de Ensino. O(a) candidato(a) foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

---

Camilo Catto  
Prof.(a) Orientador(a)

---

Carolina Fernandes da Silva Mandaji  
Membro titular

---

João Augusto Moliani  
Membro titular

- O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do Curso -

Se os media prosseguem tão célere e tranquilamente ampliando a sua força constituidora dos espaços públicos, é urgente que a educação formal aumente o som de sua orquestra, caso deseje continuar levando público às salas de concerto. (CITELLI, Adilson, 2010)

## RESUMO

CORRÊA, Danila Gomes. **Comunicação e educação escolar em tempos midiáticos**. 2020. 47 f. Monografia (Especialização em Tecnologia, Comunicação e Técnicas de ensino) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2020.

Esta pesquisa apresenta o resultado da análise de alguns estudos sobre Educomunicação desenvolvidos nas duas últimas décadas por Adilson Citelli e Ismar de Oliveira Soares, especialistas em educação e comunicação no Brasil. O material de análise compõe publicações dos autores na revista eletrônica “Comunicação e Educação” da USP (Universidade de São Paulo). A metodologia de cunho qualitativo consistiu em revisão de literatura onde se aplicou a técnica da análise categorial temática observando encadeamentos e obstáculos na inter-relação educação/comunicação, bem como, as inovações propostas pelos autores à educação na atualidade a partir de práticas educacionais. A problemática envolve a não consolidação na prática escolar de novas formas de ensinar e aprender em conformidade com a cultura comunicacional predominante na sociedade contemporânea, tida como sociedade midiática. A função social da pesquisa está em elevar a premissa de que a educação escolar precisa estar contextualizada para que o trabalho educacional corresponda aos anseios sociais no que tange a formação dos sujeitos. A pesquisa apresenta interconexões entre educação e comunicação, assim como, as principais ideias defendidas pelos autores que tratam da temática da Educomunicação e seus desdobramentos nas práticas escolares na atualidade e os entraves para a consolidação destas proposições.

**Palavras-chave:** Comunicação. Educação. Educomunicação. Mídia-educação. Sociedade Midiática.

## ABSTRACT

CORRÊA, Danila Gomes. **Communication and schooling in mediatized times.** 2020. 47 f. Monograph (Specialization in Tehcnology, Communication and Teaching Techniques) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2020.

This research shows the results from the analysis of studies about Educommunication, made in the last two decades by Adilson Citelli and Ismar de Oliveira Soares, two brazillian specialists in education and communication. The material analysed is made of papers published by the two aforementioned authors in the journal "Comunicação e Educação" (Communication and Education), from the Universidade de São Paulo (USP). The methodology, qualitative in nature, consists in a bibliography review, where the technique of thematical category analysis was used, observing reactions and obstacles in the interrelation education-communication, as well as the innovations using educommunication practices to education, proposed by the authors. The problematic then involves the non-consolidation of new ways of teaching and learning in the schooling practice, in conformity with the communicational culture that predominates in present-day's mediatized society. This research's social goal is to elevate the premise that schooling needs to be contextualized, such that the educational work satisfies the social aspirations of one's formation. The research presents interconnections between education and communication, as well as the main ideas that the authors defend, treating the theme of Educommunication and its development in schooling practices in the present day and its obstacles to reach this propositions.

**Keywords:** Communication, Education, Educommunication. Education media, Mediatized society.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2 EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO EM TEMPOS MUDIÁTICOS.....</b>	<b>10</b>
<b>3 CAMINHOS DA EDUCOMUNICAÇÃO .....</b>	<b>17</b>
<b>4 METODOLOGIA.....</b>	<b>25</b>
<b>5 ANÁLISE DE DADOS .....</b>	<b>28</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>42</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Com a emergência e avanço das tecnologias de mídia, principalmente a internet, a reprodução de informações em sala de aula (modelo tradicional de ensino) tornou-se obsoleto. Os avanços das tecnologias midiáticas, especialmente digitais, transformaram sobremaneira a forma de se comunicar e interagir da sociedade e, neste contexto, a escola parece não acompanhar os demais setores sociais.

Apesar das expressivas discussões e estudos sobre o formato comunicacional escolar no contexto de uma sociedade midiaticizada e a necessidade de a escola acompanhar as transformações sociais inovando suas metodologias de ensino, principalmente relacionadas às novas tecnologias de informação e comunicação, não se observa mudanças significativas nas escolas nesse sentido.

Pensando essas questões, esse estudo compreende uma revisão de literatura empregada em alguns artigos sobre educação, comunicação e midiaticização desenvolvidos nas duas últimas décadas pelos especialistas em Educomunicação no Brasil, Adilson Citelli e Ismar de Oliveira Soares e publicados na revista eletrônica “Comunicação e Educação” da USP (Universidade de São Paulo).

A metodologia de cunho qualitativo consistiu em análise de conteúdo onde através da técnica de análise categorial temática buscou-se identificar na teoria desenvolvida fatores responsáveis pela não consolidação na prática escolar de novas formas de ensinar e aprender com base em uma metodologia educ comunicativa que esteja em conformidade com o paradigma comunicacional predominante na sociedade atual, bem como, as principais ideias defendidas pelos autores sobre o assunto.

As categorias temáticas analisadas através da perspectiva de Soares e Citelli e que se configuram como possíveis entraves para inovações na educação, compreendem: políticas públicas educacionais; conservadorismo institucional; infraestrutura nas escolas e formação docente para as tecnologias.

O que motivou este estudo foi a compreensão da necessidade de se estar constantemente promovendo discussões e reflexões sobre educação, pois entende-se que a educação é o elemento fundamental para que os indivíduos se



conscientizem a respeito de sua realidade histórica, social e cultural, afinal, é através da educação que os sujeitos vivem plenamente a cidadania.

A escola, por sua vez, é o espaço privilegiado para a formação dos sujeitos para o desenvolvimento de uma sociedade crítica e participativa de todos os setores que a envolvem e por isso, deve primar por uma educação que desenvolva sujeitos “aptos” às demandas sociais.

Considerando que a escola mantém um formato comunicacional ainda muito arraigado na transmissão de informações, onde prevalece a comunicação verbal e escrita, torna-se relevante questionar essa práxis diante dos novos modos de se comunicar da sociedade contemporânea (sociedade da informação/comunicação), para melhor compreender seus encadeamentos e, acima de tudo, para que reverberem na prática.

A pesquisa fundamenta-se em autores e estudiosos cujos pressupostos teóricos alinham-se às temáticas aqui discutidas, quais sejam: educação, comunicação, sociedade midiaticizada, mídia educação, educomunicação. Dentre estes destacam-se: Kenski (2008), Casaroli e Peruzzulo (2008), Moran (2009), Almeida (2017), Zanforlin e Gulin (2017), Citelli, Soares e Lopes (2019), entre outros.

Este estudo apresenta discussões sobre os vínculos entre educação e comunicação; a evolução dos processos comunicacionais e tecnológicos; a educação no contexto da sociedade midiaticizada; o percurso da Educomunicação no Brasil, assim como, o entendimento de Adilson Citelli e Ismar de Oliveira Soares sobre os possíveis entraves à consolidação de inovações na educação visando a efetivação de novos paradigmas comunicacionais na educação formal considerando a cultura da mídia como formadora de opinião e modelo de formação de um novo ser social na contemporaneidade.

## 2 EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO EM TEMPOS MIDIÁTICOS

Ao falar sobre comunicação é preciso destacar que o homem, no decorrer da História, se fez valer de diferentes formas de comunicação para interagir com o meio, com os demais e assim ampliar sua compreensão do mundo. Campos (2016, s.p.) lembra que: “a comunicação tem sido utilizada pelo ser humano desde os tempos mais remotos, como um instrumento de troca de informações. [...] É através da comunicação que as pessoas dialogam, constroem, desconstroem e se entendem nos diferentes espaços”.

No campo educacional a comunicação é instrumento principal de consolidação da aprendizagem. Por isso, pensar a comunicação, sua função, suas formas, seus meios, é tão importante quando se pensa em educação, afinal, “... aprender é o principal objetivo da ação comunicativa presente no processo educacional”. (KENSKI, 2008, p. 651)

Kaplún (1998), em sua obra *“Una pedagogía de la comunicación”*, destaca a existência de basicamente três modelos de educação. Para cada um desses modelos, segundo o autor, há um modelo de comunicação que contribui para o aprendizado. O primeiro modelo educacional apresentado pelo autor e definido por ele como *“Educación que pone el énfasis en los contenidos”* representa uma educação conteudista, com ênfase em currículos engessados, tradicionalista, conservador, onde a comunicação acontece através de transmissão de informações, sendo o professor o “sabedor” do conhecimento e o aluno o receptor passivo do processo comunicacional e educacional.

Ao analisar esse modelo apontado por Kaplún (1998) é fácil reconhecê-lo. Este é, ainda, o modelo educacional e comunicacional predominante nas escolas brasileiras nos dias atuais. A velha “educação bancária” como cunhou Freire em sua grande obra *“Pedagogia do oprimido”*<sup>1</sup>, continua sendo uma realidade em grande parte das instituições de ensino no Brasil em pleno século XXI.

O novo século, entretanto, é marcado por um processo de transformação histórica da cultura social. Os novos modos de se comunicar, interagir e transmitir

---

<sup>1</sup> FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.

informações na atualidade marcam o início de um novo modelo de sociedade. Pode-se, seguramente, afirmar que vivemos hoje na era da sociedade da informação, da comunicação, da midiatização.

Para definir “midiatização” toma-se aqui o conceito utilizado por Sodré:

Por midiatização entenda-se, assim, não a veiculação de acontecimentos por meios de comunicação (como se primeiro se desse o fato social temporalizado e depois o midiático, transtemporal, de algum modo), e sim o funcionamento articulado das tradicionais instituições sociais com a mídia. A midiatização não nos diz o que é a comunicação e, no entanto, ela é o objeto por excelência de um pensamento da comunicação social na contemporaneidade, precisamente por sustentar a hipótese de uma mutação sociocultural centrada no funcionamento atual da comunicação. (2007, p.17)

De acordo com Pérsigo e Fossá (2010, p. 3), “Ao longo dos anos as sociedades se desenvolveram, prosperaram e esta transformação esteve, e ainda está, atrelada ao desenvolvimento das formas de comunicação e interação social”. As autoras afirmam que as transformações sociais estão intrinsecamente relacionadas às mudanças nas formas de se comunicar e interagir dos sujeitos.

Para Casaroli E Peruzzulo (2008, p. 69): “Toda vez que os processos de comunicação mudam, a formação de cada pessoa também muda, portanto, a cultura social é transformada a cada novo processo de comunicação que surge”. Ainda segundo os autores:

A evolução dos processos comunicacionais e suas tecnologias condicionaram profundas mudanças nos modos de estabelecer relações sociais. Da comunicação impressa aos meios audiovisuais e avançando em direção à hipermídia, virtual e interativa como a internet, a comunicação vem modificando as formas de relação e compreensão do mundo. (Idem, p. 65)

Pérsigo e Fossá (2010, p. 8) reforçam essa afirmativa ao salientar que: “Com todas essas possibilidades de interação que se inserem no seio da sociedade contemporânea, as relações sociais são múltiplas e intensas, implicando, até mesmo, um novo modo de presença do indivíduo no mundo contemporâneo”.

Isso implica entender que as transformações sociais suscitadas pelas transformações comunicacionais estão moldando uma nova cultura, um novo ser social em um novo ambiente social. Trata-se da cultura “infocomunicativa” regida pelas tecnologias de informação e comunicação que vem condicionando o homem a

adequar-se aos paradigmas socioculturais de uma sociedade midiaticizada. Kenski (2008, p. 658) afirma que: “a sociedade em rede se organiza por meio de relações múltiplas que mudam as formas como as pessoas e as organizações se relacionam, comunicam, interagem e vivem uma nova realidade”.

Neste cenário é preciso também considerar o papel da educação, pois entende-se que a educação é o elemento fundamental para que os indivíduos se conscientizem a respeito de sua realidade social, afinal, é através da educação que se forma sujeitos para viver plenamente a cidadania. A escola, por sua vez, é o espaço privilegiado para a formação dos sujeitos para o desenvolvimento de uma sociedade crítica e participativa de todos os setores que a envolvem e por isso, deve primar por uma educação que desenvolva sujeitos “aptos” às demandas sociais e capazes de “ler” a nova cultura que se desenha.

A comunicação hoje se faz de forma multidirecional, em rede, com interconexões que permitem aos sujeitos estarem conectados a diversos meios de comunicação ao mesmo tempo. Informações chegam até as pessoas como avalanches sem que muitas vezes se tenha o controle sobre a seleção do que se quer ver/ler/ouvir. Kenski (2008, p. 653) afirma que: “as novas formas de interação e comunicação em redes, oferecidas pelas mídias digitais, possibilitam a realização de trocas de informações e cooperações em uma escala inimaginável”.

Nesse sentido, Casaroli e Peruzzulo dizem que:

Ao analisarmos os processos de comunicação é preciso levarmos em conta não mais o viés da comunicação linear e instrumental, mas sim considerarmos as transformações relacionadas aos avanços tecnológicos e ao papel que a mídia desempenha no atual contexto contemporâneo. Acreditamos que esses fatores incidem diretamente nos processos relacionais estabelecidos entre os sujeitos em sociedade. (2008, p. 77)

A sociedade contemporânea está se reinventando a partir das transformações suscitadas pelo desenvolvimento tecnológico dos sistemas de comunicação. A internet promoveu uma comunicação em massa sem precedentes. Conhecimento, informação, publicidade, música, vídeo, fotografia, interação social e tudo o mais que se possa imaginar invadiu o cotidiano das pessoas de tal forma que todos os campos sociais vêm buscando adequar-se à nova cultura comunicacional e social.

Para Zanforlim e Gulin (2017, p. 256):

A consolidação das novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC's) exigiu mudanças significativas em todos os âmbitos da sociedade. A comunicação passou a ocupar papel central, reorganizando as relações entre as pessoas e fomentando a criação de um novo cenário social, político, econômico e cultural que configura o início da Era do Conhecimento. Em consequência disso, percebe-se o desafio de reconhecer as conexões existentes na realidade, articulando diferentes conhecimentos e perspectivas que compõem e oferecem novas visões de mundo, na qual o homem é entendido como criador e criatura de uma cultura comunicativa em constante transformação.

Pensando a educação neste contexto muito se tem discutido na atualidade o formato comunicacional escolar no contexto de uma sociedade midiaticizada. Para Corazza:

A comunicação, entendida como processo relacional, propõe-se a trabalhar nos processos educativos, tendo como foco o ser humano, inserido numa sociedade, procurando manter valores e princípios que norteiam o domínio das tecnologias, não mais sendo vistas apenas como suporte. Elas são cultura e estão integradas ao modo de ser e de se relacionar das pessoas entre si, com a sociedade, com as instituições de referência, pelo processo da midiaticização. Daí a necessidade de reformular a mentalidade e articular pessoas, conhecimento e processos, em vista de um novo paradigma educacional. (2012, p.11-12)

Torna-se evidente a necessidade de a escola acompanhar as transformações sociais inovando suas linguagens e metodologias de ensino, principalmente relacionadas às novas tecnologias de informação e comunicação, afinal, diante do quadro atual, a reprodução de informações em sala de aula (modelo tradicional de ensino) tornou-se obsoleto.

Entretanto, por mais que se observem profundas mudanças nos mais diversos setores sociais na busca pela adequação de suas formas de se comunicar, de interagir com os sujeitos, de levar informação, de oferecer serviços, enfim, de estarem contextualizados com as demandas sociais atuais, não se observa, por parte da escola, mudanças significativas nesse sentido. Kenski (2008, p. 663) observa que: “as escolas e todos os espaços formais de educação são muito lentos na incorporação crítica de práticas que já fazem parte da cultura extra-escolar de usos dos meios para a comunicação, a interação e o trabalho em redes”.

As permanências e o engessamento do sistema educacional escolar torna-se evidente se observada a escola na atualidade. Professor é o detentor do conhecimento em sala de aula. Aluno é o ouvinte passivo. Metodologia de ensino baseia-se em leitura e interpretação de textos através de questionários. Recursos

geralmente utilizam-se de quadro, giz e livro didático. Avaliações realizadas através de provas. Essa estagnação é perniciosa para a educação. Moram (2009, p. 349) enfatiza que: “A rotina, a repetição, a previsibilidade é uma arma letal para a aprendizagem. [...] A monotonia da repetição esteriliza a motivação dos alunos”.

As constatações de Kenski e Moram são de 2008/2009, contudo, ainda nos dias atuais, é possível afirmar que de fato a escola é um ambiente totalmente previsível, onde se faz tudo o que se faz, do mesmo jeito, há anos. Há um descompasso entre o universo escolar e o mundo fora dos muros da escola. Professores e alunos vivem uma realidade sociocultural fora da escola que não encontram dentro dela.

Ao fazer uma comparação entre a dinâmica da escola e a do tempo presente, Citelli (2015) define que a dinâmica escolar caracteriza-se pela fragmentação, passividade, comunicação unidirecional. Enquanto isso, a dinâmica social do tempo presente define-se pelo turbilhão de informações multidirecionais.

Para Moran (2009, p. 348):

A Internet, as redes, o celular, a multimídia estão revolucionando nossa vida no cotidiano. Cada vez resolvemos mais problemas conectados, a distância. Na educação, porém, sempre colocamos dificuldades para a mudança, sempre achamos justificativas para a inércia ou vamos mudando mais os equipamentos do que os procedimentos. A educação de milhões de pessoas não pode ser mantida na prisão, na asfixia e na monotonia em que se encontra. Está muito engessada, previsível, cansativa.

Moran (2009) enfatiza a importância de mudanças substanciais no sistema educacional. Para o educador cabem inovações no espaço escolar sem que para isso seja preciso romper bruscamente com tudo o que se tem feito até aqui. Há condição para se equilibrar fazeres escolares tradicionais, fundamentais para o processo de ensino-aprendizagem, com novas formas de ensinar e aprender. O educador reforça a importância da escola enquanto espaço privilegiado de construção do saber, de socialização, contudo, enfatiza que, se não se abrir para o novo, estará fadada ao definhamento.

Kenski corrobora com as ideias de Moran ao afirmar que:

As instituições educacionais – como instituições sociais – não se acabam ou perdem seu sentido, elas se atualizam. No momento atual nós vemos a crise do atual modelo e a exigência – pela necessidade e pelo desejo de aprender de forma contínua e permanente – de oferecimento de educação para uma sociedade em constante mudança. Como instituições não apenas

de reprodução do conhecimento, mas, principalmente, de pesquisas e processos que colaborem para o avanço e criação de novos conhecimentos, elas contribuem significativamente para as transformações sociais e tecnológicas em curso. (2008, p. 662)

Corazza, também defende a essência da escola e seus fundamentos. Contudo, observa que é importante reconhecer...

... que a compreensão dos pilares da educação como a autonomia, a liberdade, a responsabilidade e o envolvimento, a ética do sujeito responsável, passa por mudanças culturais, mas nem por isso, perdem o seu valor. O olhar e a escuta da realidade que evoca o “Educar a partir de dentro” precisam ser mantidos, cultivados e dotados de novos sentidos. (2012, p. 13)

Da mesma forma, a internet, suas ferramentas e funcionalidades, as tecnologias de informação e comunicação e os diversos aparatos tecnológicos disponíveis nos dias atuais, não são “concorrentes” da escola na construção do saber. De acordo com Kenski (2008), a comunicação e informação online ultrapassam a facilidade de acesso às mídias e a gama de conteúdos disponíveis na rede, são recursos bastante utilizados em favor da aprendizagem. Portanto, tais recursos precisam ser vistos como aliados da escola e dos sujeitos da escola no processo educacional.

Moran, (2009, p. 349) defende que: “É importante que os alunos estejam mais motivados, tenham mais iniciativa, explorem novas possibilidades. E as tecnologias podem ser um excelente auxiliar na tarefa de desenvolver esse aluno mais empreendedor e inovador”. Não se trata, entretanto de inserir modernismos na escola pelo simples fato de reconhecer no campo educacional uma evolução que deixe a escola contextualizada com as tecnologias de informação e comunicação modernas sem colocar a educação, o aprendizado como prioridade. Segundo Citelli:

(...) os fluxos entre os mundos da comunicação, em seus aspectos múltiplos e diversificados, e da educação, precisam ser aproximados, não por uma questão de modismos ou determinativos do aparato de produção industrial e das operações comerciais e ou publicitárias de governos, mas porque novas configurações históricas estão a solicitar distintos mecanismos formativos cujos limites não cabem no enciclopedismo, no transmissivismo e no alheamento às reconfigurações sociotécnicas e tecnoculturais provocadas fortemente pelos sistemas e processos comunicacionais. (2015, p. 12)

Nesse sentido, é possível evidenciar um desalinho entre comunicação e educação no tempo presente, haja vista que a escola atual ainda se pauta, em

muito, em uma pedagogia de transmissão de informações mediada por uma metodologia quase que exclusivamente verbal e escrita, onde a comunicação acontece de forma unidirecional.

Corazza (2012) entende que essas questões precisam ser consideradas e postas à reflexão e compreensão, pois incidem sobre cultura social e educação em um momento onde a mídia é o centro estrutural da realidade social. Nas palavras da autora:

Entende-se que é preciso entender a lógica da mídia, que vem pautando hábitos e percepções e não pode mais ser vista como elemento externo, mas como parte do cotidiano incidindo nos sujeitos da educação e desafiando para que os educadores estejam preparados para uma atuação eficaz. (Idem, p. 5-6)

O que se espera é que as interconexões entre comunicação e educação propiciem inovações na linguagem comunicacional escolar e que as tecnologias sejam exploradas pelos professores como recursos para metodologias de ensino que desenvolvam autonomia e criticidade ao educando, preparando-o para enfrentar os desafios sociais da contemporaneidade.

Almeida (2017), enfatiza que os alunos de hoje não aprendem como seus pais aprendiam, apesar de a escola estar proporcionando à eles uma linguagem e uma metodologia igual a que oferecia à seus pais. A autora reitera a importância de não apenas introduzir tecnologias na escola, mas adequar a dinâmica educacional para o aluno do presente, para o cidadão ativo na sociedade do futuro.

Zanforlim e Gulin (2017, p. 257) reforçam:

A escola precisa deixar de ser um depósito de jovens e crianças e começar a ser um espaço de encontro, de troca, de diálogo. Os desafios educacionais não param por aí, a escola também deve se adequar a nova realidade tecnológica, principalmente em razão da forma como a sociedade tem lido e interpretado as informações midiáticas em seus múltiplos canais.

Para melhor entender tais ponderações de Zanforlim e Gulin (2017), o próximo capítulo apresenta mais discussões acerca dos encadeamentos entre educação e comunicação em práticas escolares por meio de ações educacionais.



### 3 CAMINHOS DA EDUCOMUNICAÇÃO

Para compreender a aposta da Educomunicação como uma possibilidade de inovação do cenário educacional, é preciso compreendê-la na sua essência. Almeida (2017) apresenta de forma bem definida os primeiros passos do que se tornaria a Educomunicação da forma como é concebida nos dias atuais. Segundo a autora:

O termo Educomunicação foi cunhado pelo uruguaio Mário Kaplún quando identifica uma práxis “educ comunicativa” de alguns agentes sociais que tramitavam na inter-relação dos campos da Educação e da Educomunicação, uma práxis “educ comunicadora”. Criado para designar atividades em torno do que se acostumou a denominar, na América Latina dos anos 70, como educação para a comunicação, leitura crítica dos meios ou, de forma mais aberta, comunicação educativa e educação comunicativa, a Educomunicação traz a necessidade de se trabalhar a linguagem dos meios na educação dentro e fora da escola e através da vida, num processo de interação e meio ambiente em que atua. (p. 437)

Depois disso, outros nomes importantes na América Latina aparecem no cerne das discussões acerca da relação entre educação e comunicação como Guilherme Orozco Gómez no México e Jesús Martín Barbero na Colômbia. No Brasil, Ismar de Oliveira Soares e Adilson Citelli são referência quando o assunto é a junção das interfaces comunicação e educação visando atender aos desafios da educação no século XXI.

Segundo Citelli, Soares e Lopes (2019), a Educomunicação surge na América Latina contextualizada com a conjuntura política autoritária dos meados do século XX, onde se buscava por uma forma de articular informação e educação em um período de repressão. Entende-se, desta forma, que a Educomunicação surge em território latino sob um prisma social.

Ainda segundo os autores, no caso do Brasil o percurso da Educomunicação começa através da iniciativa de um grupo de professores do Departamento de Comunicações e Artes (CCA) da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP) em definir um campo de estudo e trabalho voltado à compreensão dos encadeamentos entre comunicação e educação. É importante enfatizar que, esta iniciativa deu origem em 1994 a revista “Comunicação e

Educação” da USP, sob o comando da Prof<sup>a</sup> Maria Aparecida Baccega onde a expressão “Educomunicação” ganha status de objeto de estudo em questão.

A Educomunicação, nesse projeto brasileiro, foi levada a estudo como um fenômeno amplo. Não se tratava apenas de compreender o uso dos *media*<sup>2</sup> na educação de forma técnica, mas de aprofundar estudos nos aspectos sociais, culturais, sobre os quais a mídia exerce influencia. Citelli, Soares e Lopes explicam suas motivações e objetivos com relação ao assunto da seguinte forma:

O que localizamos é um fenômeno amplo, de natureza cultural e sociotécnica, a pedir novos aportes para a compreensão do lugar da comunicação no interior de um ecossistema complexo, certamente solicitando outro tipo de tratamento dos fenômenos educativos, mesmo os formais. Assim, trata-se de promover, por meio de estratégias multi-intertransdisciplinares, diálogos e encontros (e possíveis desencontros) da comunicação, uma dimensão social estratégica no mundo hodierno, com a educação. O trânsito entre as áreas, como se percebe, é mais difícil do que a execução de programas localizados (e necessários) voltados à educação para os media. (2019, p. 14-15)

Os autores enfatizam que a Educomunicação é um campo de estudos e práticas em expansão hoje no Brasil e no mundo, tendo em vista a necessidade de compreensão das interconexões entre comunicação e educação no tempo presente, onde se busca "promover processos comunicativo-educativos apoiados em relações dialógicas e colaborativas, voltados à formação cidadã." (CITELLI; SOARES; LOPES, 2019, p. 15).

Nesta senda, Almeida também destaca que:

O consumo cultural se dá hoje em grande quantidade através de uma convergência midiática fornecendo experiências através de sistemas de representação da cultura e no processo de aprendizagem através da vida. Dessa forma, a indústria criativa se torna hoje uma importante área no campo da mídia-educação para compreender como se constitui a literacia midiática, principalmente no âmbito da formação da identidade, do imaginário, da cidadania e da educação. (2017, p. 440)

---

<sup>2</sup> Media: do latim “meios” que significa “meios de comunicação social”. Importado para a Língua Portuguesa como Mídia. Cf. CARRIÇO, B. et.al. Novos meios de comunicação. Revista Eletrônica de Comunicação, v. 6, n. 1, 2012. Disponível em: <http://periodicos.unifacef.com.br/index.php/rec/issue/view/73>

Como dito anteriormente, a cultura da mídia está promovendo uma nova forma de representatividade dos sujeitos no mundo. O consumo de tudo que é midiático está em alta e é preciso que as pessoas conheçam, compreendam e interpretem o que estão consumindo. “Nesse contexto, a escola tem um papel muito importante na produção de conhecimento, ajudando a transformar a informação, editada e fragmentada, dos meios de comunicação em conhecimento e pensamento crítico”. (ALMEIDA, 2017, p.439)

De acordo com Citelli, Soares e Lopes (2019), é preciso atentar-se para a importância de se pensar o papel da mídia e o espaço que ocupam na sociedade atual para a formação dos sujeitos e o seu papel também na sociedade midiaticizada. Compreender tudo o que envolve a facilidade de comunicação e expressão nos dias atuais e o papel da Educomunicação neste contexto.

Para Citelli (2010a), o foco é ajustar a educação com as profundas mudanças socioculturais provocadas pelas tecnologias de comunicação que redefiniram a forma de percepção e de aprendizagem, principalmente do jovem na atualidade. O autor acredita que um bom trabalho educacional articulando os campos da comunicação e da educação é capaz de promover uma aprendizagem emancipadora no tempo presente.

Entender o que são os meios e como funcionam – que fins alcançam ou podem alcançar –, significa, em nosso entendimento, um desafio fundamental para se verificar as nuances organizativas da vida associada em nosso tempo. A comunicação ganhou dimensão estratégica em um mundo cada vez mais interconectado e dependente das redes digitais, dos trânsitos de informações, dos conhecimentos compartilhados. Frente a quadro de tal magnitude não basta reiterar a necessidade de levar o debate da comunicação à escola ou mesmo fazer uso das potencialidades dos meios para se ampliar fazeres educativos, sendo forçoso perguntar como tudo isso ganha articulação tendo em vista a sociedade que se deseja construir. (CITELLI, 2010a, p. 76)

Outra questão que permeia esse enredo, como apontou Citelli, são as formas de se comunicar. A lógica comunicativa atual é a comunicação em rede, interconectada, multidirecional. Sendo assim, a linguagem unidirecional e hierárquica da escola onde prevalece a fala do professor sobre o aluno não se enquadra aos sujeitos que a escola pretende formar. Citelli, Soares e Lopes, (2019, p. 16-17) evidenciam que:

Uma das questões trazidas à luz pelos educadores nos últimos anos diz respeito ao fato de a palavra estar centralizada no professor, ficando o aluno na condição de expectante. Caso típico de monólogo que, muitas vezes, insinua promover diálogo. Para muitos, as tecnologias digitais permitiriam romper tal ciclo, pois são vocacionadas à dispersão discursiva e à viabilidade de muitos pronunciamentos se cruzarem, permitindo ampliação democrática e rompendo com o circuito monólogo.

Citelli, Soares e Lopes (2019) também ressaltam o discurso de Paulo Freire em *“Extensão ou comunicação”*, sobre os problemas na linguagem dialógica educacional. Naquela passagem Freire (2013, p. 59) disse: “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”. O problema, segundo os autores, é o mesmo enfrentado nas escolas ainda nos dias atuais, onde professores falam muito e ouvem pouco. Não há troca de experiências, logo, não há diálogo.

Zanforlim e Gulin (2017) reiteram a importância de se compreender a relação comunicação-educação para que a aprendizagem aconteça de forma significativa. Segundo as autoras:

Não se faz educação sem comunicação, e vice-versa, sendo assim, quando a escola ignora o processo comunicativo, ela limita, onera e muitas vezes praticamente impossibilita a realização da sua própria missão, que é de ser um espaço voltado para construção e compartilhamento de conhecimento. (Idem, p. 255).

Nesse sentido, é possível compreender a necessidade de se pensar a comunicação nas salas de aula de maneira mais dialógica e menos monológica. Inserir meios de comunicação que complemente a fala do professor. Que alunos possam se expressar, seja verbalmente ou de diferentes formas, pois, o que não faltam hoje é meios, aparatos, ferramentas, recursos comunicacionais para enriquecer a comunicação no processo pedagógico.

Não obstante, Citelli, Soares e Lopes (2019), acentuam que o grande problema da Educomunicação está exatamente em inserir novos elementos à linguagem em sala de aula que ultrapassem o campo do verbal. O uso dos meios técnicos nos circuitos comunicacionais está fortemente presente no cotidiano das pessoas nos dias atuais, mas está ainda distante da sala de aula. São poucos os usos que se fazem do rádio, da televisão, das propagandas publicitárias, da internet, da produção midiática, enfim. Nas palavras dos autores:

A experiência da sala de aula, contudo, nem sempre está atenta a tais passagens, pois tende a restringir a circulação das linguagens à modalidade verbal (cuja importância é inequívoca), deixando escapar as ricas sugestões permitidas pelos planos icônicos, cromáticos, sonoros etc. Daí decorre, por exemplo, o tom dominante da aula expositiva, do livro didático, enfim, das estratégias que ao enfraquecerem o caráter multidimensional da linguagem e das próprias intermediações franqueadas pelos dispositivos da comunicação contribuem para aumentar certas fraturas entre as expectativas dos jovens e os imperativos canônicos da instituição escolar. (Idem, p. 19)

Citelli, Soares e Lopes (2019) também apontam para a passividade que é quase imposta aos alunos em sala de aula e a inércia que a escola representa para esses alunos. Em contra partida, salientam a facilidade de se comunicar na atualidade, de estar ativo nos meios de comunicação de massa, de se expressar, influenciar e criar culturas. Por isso temos alunos tão desmotivados com a escola, pois o universo fora dos muros da escola é muito mais atraente, é um mundo que lhe abre espaço para falar, ser, agir, se comunicar de diversas formas, interagir, aparecer.

Contudo, o fato de crianças e jovens estarem ativos nos meios de comunicação não significa, necessariamente, que estejam conscientes de suas ações na mídia. Entra aqui novamente o papel da escola de mediadora desse processo ou ainda de formadora para o uso correto e consciente dos meios de comunicação. Citelli (2010a) ressalva que o lugar central da comunicação e a avalanche de inserção das TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação) no cotidiano dos sujeitos na sociedade atual é inegável. Entretanto, segundo o autor, é preciso atentar-se aos usos e tipos de relação entre sujeitos e os dispositivos.

Neste caso, falamos não apenas de leitura crítica da comunicação, mas de um âmbito reflexivo mais abrangente, de sorte a nele incluir tópicos, itens, subitens, que, de alguma maneira, facultem à escola animar programas de trabalho que franqueiem aos jovens acesso menos ingênuo ao mundo da comunicação. (Idem, p. 81)

Identifica-se até aqui, portanto, o papel da escola em dois sentidos. O de “renovar” a linguagem comunicacional inserindo novos elementos à comunicação em sala de aula e a de preparar os alunos para o uso correto e consciente das tecnologias comunicacionais frente ao espaço aberto de que dispõem hoje nos meios de comunicação. Para Citelli, Soares e Lopes:

(...) cabe ponderar que o desafio posto pelas técnicas e tecnologias não diz respeito a um problema de maior ou menor habilidade no manuseio dos dispositivos, mas, sobretudo, à capacidade de aguçar a consciência que se elabora e se alarga diante de uma realidade em mutação e no interior da qual são constituídas as significações e os sentidos plasmados pelas linguagens. (2019, p. 21)

É nesse sentido que surge, segundo Citelli (2010a), a aposta na Educomunicação como forma para auxiliar a escola e a educação na concretização desses objetivos e necessidades educacionais na atualidade.

Percebe-se, nesse contexto, o caráter imperativo da indagação sobre os novos modos de ser e estar no mundo, movimento que aciona, imediatamente, um conjunto de preocupações afeitas à interface comunicação/educação (por exemplo: jovens/mídia/escola; televisão/criança/valores morais; internet/leitura; redes sociais/comunidades de conhecimento). Reside, aqui, um dos motivos pelos quais foram ativados estudos, pesquisas e mecanismos de intervenção social que vinculam os dois campos, e cuja tradução recebe o nome de mídia-educação; media literacy; comunicaci3n e educaci3n; comunicaci3n educativa, ou, simplesmente, conquanto em diapas3o um pouco distinto de alguns dos designativos anteriores, educomunica3o. (Idem, p. 77-78)

A Educomunica3o traz a proposta de estimular a cria3o e consolida3o de ecossistemas comunicativos onde a aprendizagem aconte3a de forma multidirecional (professores-alunos/alunos-alunos/professores-professores) e em diversos espa3os atrav3s do uso das tecnologias de comunica3o. Outro objetivo da Educomunica3o 3 romper com as barreiras da fragmenta3o de conte3dos e divis3es disciplinares, apostando na inter-transdisciplinaridade e na conex3o entre professores de diversas 3reas pensando o conhecimento de forma integral.

Zanforlim e Gulim (2017) tamb3m defendem que:

(...) a Educomunica3o pode ser o caminho para a cria3o de um novo modelo educacional, mais aberto, cr3tico, inclusivo, e acima de tudo mais humano, que inclusive propicia o uso cr3tico dos meios e permite receber os benef3cios advindos da tecnologia da comunica3o. (p. 255)

Contudo, para Citelli (2010a), existe ainda grande resist3ncia por parte da escola em assumir posturas educomunicativas nos fazeres pedag3gicos pela cren3a de que essas novas formas de ensinar e aprender n3o condizem com a formalidade da "boa educa3o" escolar. Outro fator apontado pelo autor 3 o receio dos pr3prios professores de perderem seus "cargos" para os aparatos tecnol3gicos. Entretanto, a

Educomunicação não trata da extinção da escola enquanto espaço de aprendizagem, tampouco de invalidar o papel do professor na educação.

O que está em evidência na atualidade é a necessidade de a escola romper com modelos conservadores de educação que não condizem mais com a realidade dos sujeitos e da cultura social do século XXI. A escola precisa parar de investir em formação cognitiva sob a lógica da assimilação de saberes, mas promover uma formação emancipadora onde os sujeitos tornem-se, a partir da educação, sujeitos reflexivos, críticos, mas, principalmente argumentativos para que desta forma estejam realmente “aptos” a enfrentar os desafios e atender às demandas da sociedade atual.

Citelli (2010a) lembra, entretanto, que é preciso cuidar para que a escola não vire apenas um espaço mercadológico de aparatos tecnológicos, mas que construa uma relação de conhecimento e aproveitamento dos meios. “Nesse cenário não é suficiente, apenas, reiterar que os meios de comunicação precisam estar na sala de aula. Trata-se de indagar de modo mais decisivo acerca de um sistema que, ao ser legitimado pela escola, nela se legitimará”. (p. 78).

Essa é, segundo Citelli (2010a), a função da Educomunicação na atualidade. O autor também reitera que a Educomunicação necessita ter referenciais que promovam políticas de comunicação e educação para que ela se estabeleça.

Construir programas e projetos na área da educomunicação implica refletir acerca das políticas mais gerais que regem o âmbito da comunicação e o da educação. Vivemos em um país com sofisticado aparato midiático, cujo escopo legal continua aguardando debate acerca dos marcos regulatórios que garantam, ao mesmo tempo, liberdade de expressão, responsabilidade no trânsito das informações, atendimento dos interesses da vida associada. (Idem, p. 78).

Com isso Citelli aponta para a necessidade de políticas públicas voltadas a legitimar a educomunicação nos sistemas de educação formal, bem como, de programas e projetos educacionais para que a proposta educacional tenha espaço e consistência para se estabelecer e se consolidar. Nesta senda, há um fator de extrema importância que merece consideração. A formação de educadores. De acordo com Zanforlim e Gulin:

De nada adianta, porém, que a Educomunicação esteja presente no currículo se não existirem profissionais para aplicá-la. Então, o primeiro passo é disseminar essa nova ideia no meio formal de educação entre os

educadores. Dessa forma, a formação de educadores tem que ser vista como um dos desafios mais urgentes da Educomunicação e da Educação. (2017, p. 256).

Citelli (2010a) corrobora com a constatação de Zanforlim e Gulin e salienta que, enquanto educadores os professores não mais serão transmissores de informações, mas sim colaboradores no processo de ensino-aprendizagem auxiliando e promovendo uma aprendizagem significativa através do uso pedagógico de diversos meios comunicacionais, promovendo uma educação com a mídia, pela mídia e para a mídia. O autor ainda argumenta que muitos professores já almejam esse tipo de pedagogia por reconhecer a necessidade de inovação educacional frente às inovações tecnológicas e as características dos alunos na atualidade. Nas palavras do autor:

Tal consciência existe, e a maioria dos docentes em serviço espera, hoje, programas de formação continuada que os auxiliem a acertar o passo dialógico com as demandas diferenciadas dos alunos, quase sempre vindas das áreas da imagem, da informática ou, genericamente, dos meios de comunicação. (Idem, p. 83)

Não obstante, os desafios da Educomunicação na educação formal brasileira são muitos. A escola precisa romper com inúmeras barreiras para adequar-se às necessidades educacionais dos alunos do século XXI. Urge uma revisão na linguagem comunicacional escolar, bem como, um alinhamento de objetivos entre a educação promovida pela escola com a formação necessária aos sujeitos no tempo presente, os sujeitos da sociedade da informação, do conhecimento, da mídia.

Mas, afinal, quais são as razões que levam a escola parecer inerte diante de tantas transformações observadas nessa sociedade inquieta? De que forma pretende a Educomunicação ser o divisor de águas entre uma escola conservadora, tradicional e uma escola democrática, emancipadora, que forme sujeitos pensantes, críticos e conscientes?

Buscando respostas para esses questionamentos recorreu-se a dois grandes nomes da Educomunicação no Brasil, Ismar de Oliveira Soares e Adilson Citelli e a partir daqui apresenta-se uma análise do parecer dos autores sobre essas questões.



## 4 METODOLOGIA

Esta pesquisa está debruçada em estudos realizados nas duas últimas décadas por Adilson Citelli e Ismar de Oliveira Soares, especialistas em Educomunicação no Brasil. O material a ser analisado compõe algumas das publicações dos autores na Revista “*Comunicação e Educação*” do Departamento de Comunicações e Artes - Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP).

A Revista eletrônica “*Comunicação e Educação*” da USP foi idealizada por professores-pesquisadores de tecnologias, linguagens e cultura de mídia, pertencentes ao Departamento de Comunicações e Artes da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (CCA/ECA/USP). Seus idealizadores sentiram a necessidade de criar um canal de divulgação dos conhecimentos por eles produzidos, visando o público interessado na inter-relação comunicação/educação – professores, pesquisadores, educadores, produtores, artistas, estudantes, entre outros. Assim surgiu o periódico, em 1994.

As publicações são semestrais e totalmente voltadas para a área da Comunicação, Cultura e Educação com a missão de desenvolver um conhecimento crítico acerca dos meios de comunicação, tão inerentes ao cotidiano de todos, permitindo que comunicadores e educadores conheçam e utilizem-se dos meios de forma crítica, em compromisso com a democracia, a cidadania e os direitos sociais. Sendo assim, o conteúdo, a proposta, a missão e corpo de autores foram fundamentais para que se elegeesse o periódico como *lócus* dessa pesquisa, pois suas características vieram de encontro com as discussões que se pretendeu suscitar neste estudo.

As obras analisadas tiveram como critério de seleção a temática discutida a partir dos interesses em foco. Desta forma, compõem o *corpus* dessa pesquisa as seguintes publicações: “*Educomunicação: um campo de mediações*” (SOARES, 2000); “*A mediação tecnológica nos espaços educativos: uma perspectiva educacional*” (SOARES, 2007); “*Educomunicação e Educação Midiática: vertentes históricas de aproximação entre comunicação e educação*” (SOARES, 2014); “*A Educomunicação, em diálogo com as tecnologias, na Educação Básica*” (SOARES, 2015), “*A Educomunicação possível: uma análise da proposta curricular*

*do MEC para o Ensino Básico*” (SOARES, 2016); *“Educomunicação, paradigma indispensável à renovação curricular no ensino básico no Brasil”* (SOARES, 2018); *“A linguagem entre a comunicação e a educação”* (CITELLI, 2006); *“Escola, linguagem e diversidade cultural nos contextos midiáticos”* (CITELLI, 2007); *“Comunicação e educação: passagens e deslocamentos”* (CITELLI, 2009); *“Comunicação e educação: implicações contemporâneas”* (CITELLI, 2010); *“Linguagens da comunicação e desafios educacionais: o problema da formação dos jovens docentes”* (CITELLI, 2010) e *“Inflexões educacionais”* (CITELLI, 2012).

A metodologia empregada nessa pesquisa é a metodologia de análise de conteúdo. De acordo com Bardin, análise de conteúdo conceitua-se como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (1977, p. 42).

Ainda segundo Bardin (1977) o método de análise de conteúdo constrói-se em 3 etapas, sendo elas: 1) Pré-análise (organização do material / escolha dos documentos); 2) Exploração do Material (administração da técnica); 3) Tratamento dos resultados e interpretação (síntese dos resultados e conclusões).

Dentro da metodologia de análise de conteúdo, a técnica utilizada para análise do material em estudo foi a análise categorial temática, que implica em categorizar elementos do texto dentro de uma temática específica.

Neste caso, as categorias temáticas analisadas foram: políticas públicas educacionais; conservadorismo escolar; falta de infraestrutura nas escolas e formação docente. Buscou-se também identificar as inovações propostas pelos autores à educação na atualidade a partir de práticas educacionais.

Bardin (1977, p. 153) define que: “Entre as diferentes possibilidades de categorização, a investigação dos temas, ou análise temática, é rápida e eficaz na condição de se aplicar a discursos directos (significações manifestas) e simples”. Sendo o propósito aqui identificar nos textos em estudo manifestações diretas dos autores sobre as questões postas em indagação nesta pesquisa, optou-se por essa técnica que representa uma análise simples e direta da mensagem em discurso.

O procedimento deu-se através de leitura minuciosa dos textos buscando por discursos que expressassem a opinião dos autores com relação às categorias

temáticas da pesquisa, ou seja, possíveis fatores responsáveis pela não consolidação na prática escolar de inovações no formato comunicacional e metodológico a partir de práticas educomunicativas, bem como, identificar quais inovações são propostas pelos autores nesse sentido.

## 5 ANÁLISE DE DADOS

Diversos são os fatores normalmente apontados como impasses para que a escola aproxime-se cada vez mais da cultura comunicacional predominante nos dias atuais. As discussões percorrem questões que vão desde políticas públicas na área da educação para esse fim, passando pela resistência da própria Escola conservadora e pela falta de infraestrutura tecnológica nas escolas, até a formação docente para as tecnologias.

Para iniciar essas discussões, acerca do que dizem Adilson Citelli e Ismar de Oliveira Soares, recorre-se às constatações de Citelli que afirma:

À escola coloca-se o desafio de trabalhar num universo marcado pelas linguagens complexas que singularizam, hoje, os meios de comunicação. Os deslocamentos e crescentes processos de integração entre os media – como a televisão, a internet, os jogos eletrônicos, o rádio – acentuam e intensificam as migrações do conhecimento e da informação, facultando aos jovens vivenciar experiências de linguagens que não se bastam, tampouco se confinam à tradição verbal. Essa evidência transforma a sala de aula em um espaço cruzado por mensagens, signos e códigos que não se ajustam ou se limitam à tradição conteudística e enciclopédica que rege a educação formal. (2006, p. 07)

No limiar do século XX, Soares (2000) já defendia que o momento era propício para se pensar uma revisão no formato comunicacional na educação, presencial ou à distância, naquilo que diz respeito a uma aproximação estreita entre os campos da comunicação e da educação. Contudo, na prática, percebe-se um lento percorrer para que esta perspectiva se consolide.

Sobre aliar mídia e educação, Soares (2014) afirma que a Inglaterra, a Austrália e o Canadá foram os precursores no desenvolvimento de programas em mídia-educação, apoiados pelo governo. Segundo o autor, no Brasil, inicialmente, o assunto não tomou proporções de responsabilidade de políticas públicas e suas bases se desenvolveram através de ONGs e Programas universitários, para, a partir daí, chamar atenção para as políticas públicas.

Ainda segundo Soares, a partir do século XX as discussões acerca da mídia-educação começam a tomar corpo no sistema educativo. O autor diz que:

(...) a perspectiva educomunicativa de voltar-se prioritariamente aos problemas de cultura e, secundariamente, à questão dos meios de

informação, havia produzido um efeito jamais testemunhado de interesse pela Educação Midiática no país. Garantiu, dessa forma, a abertura de portas anteriormente fechadas para o tema, tanto no âmbito do sistema educativo formal quanto no espaço da educação não formal. (2000, p.23)

Soares afirma crescer no Brasil as disposições com relação ao trabalho em mídia-educação, contudo, afirma que as políticas públicas ainda são “resistentes em entender a importância de se tomar a mídia e a comunicação objetos de consideração no trabalho educativo”. (2014, p.24)

Apesar dessa afirmação, Soares (2015) faz uma análise das propostas educacionais dispostas nas DCNs (Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica – 2013) e aponta que há uma preocupação no documento com relação ao uso das tecnologias de informação e comunicação pela escola. O autor também afirma que as DCNs defendem que a vivência cotidiana do aluno (relações sociais, saberes, experiências) deve ser levada em conta pela escola e vinculada ao processo educacional formal, considerando que as tecnologias de informação e comunicação permeiam o cotidiano das crianças e jovens nos dias de hoje.

Ainda sobre o documento, Soares (2015, p.10) conclui que: “Fica, assim, evidenciado que a comunicação (com seus procedimentos, linguagens e tecnologias) ganha ampla cidadania com as novas Diretrizes, transformando-se em tema central para a área da gestão escolar”.

Para mais sobre políticas públicas educacionais, ao fazer uma análise do projeto de reformulação curricular que culminou na aprovação da nova BNCC (Base Nacional Comum Curricular – 2018), Soares (2016) aponta para a forte intencionalidade por parte dos órgãos governamentais/educacionais de inserção significativa de elementos relacionados ao universo da comunicação e da informação no currículo.

A meta de se alcançar uma educação que respeite e promova o respeito ao outro, mediante o desenvolvimento de múltiplas linguagens, tendo como base a compreensão da democracia como resultado de amplo envolvimento e participação [...] aponta, indubitavelmente, para a presença, no novo documento da SEB/MEC, de elementos caros ao pensamento educacional e midiático. (SOARES, 2016, p.16)

Segundo Soares, isso revela que tais elementos começam a ganhar importância no cenário educacional; “revela o grau de mobilização que as ideias que dão sustentação a conceitos como Educomunicação e Mídia-educação alcançaram

junto a importantes setores que pensam caminhos alternativos para a renovação da educação no Brasil”. (2016, p.14)

Entretanto, o autor questiona o *modus operandi* de tais determinações, ou seja, a forma como isso será colocado em prática nas salas de aula para que não se faça uso das tecnologias apenas de maneira técnica, mas construtiva. Nas palavras de Soares:

Falta, indubitavelmente, explicitar, no documento, o tempo e a maneira como professores e alunos acumularão conhecimentos sobre as teorias e procedimentos que os habilitem ao exercício de seus papéis de professores e aprendizes, nos tópicos do programa em que deles se exigem ciência e conhecimentos técnicos para fazer uso dos recursos da informação. Mais ainda: falta prever uma formação para que o empenho das ferramentas supere a visão funcionalista de seus usos, levando a atitudes construtivas de relacionamentos ricos por seu significado cultural e libertário. (2016, p.23)

Ademais o autor questiona se realmente as escolas conseguirão ter liberdade para trabalhar conteúdos curriculares de forma diferenciada ao tradicional, quer dizer, com recursos que possibilitem novas formas de linguagem; que não se limitem aos livros didáticos.

Para Soares (2016) inovações na educação escolar deveriam possibilitar liberdade às escolas com relação às metodologias de ensino e currículo. Contudo, a falta de padronização, neste caso, atingiria um seguimento muito “alinhado” aos governos, o seguimento das editoras.

A submissão dos sistemas de ensino às grandes corporações editoriais que produzem e comercializam os livros didáticos apresenta-se, na fala do autor, como um entrave para que novas formas de linguagem tenham espaço nas escolas.

Sobretudo, as ausências quanto ao *modus operandi* sentidas por Soares (2016) no documento do MEC (Ministério da Educação e Cultura) que apresentava as propostas para a reformulação curricular, não encontram-se explicitadas também na versão aprovada em 2018.

O autor faz uma reflexão sobre as propostas da nova BNCC, observando, segundo ele “a natureza das premissas que abrem perspectivas para a inclusão da educação midiática como prática de interesse para o sistema educativo” (SOARES, 2018, p. 07) e aponta para a necessidade de práticas educacionais na educação para que a reforma curricular aconteça.

Mesmo sem apresentar grande entusiasmo sobre o que determina a nova BNCC e como isso será levada à prática, Soares (2018) enfatiza que 6 (seis) das 10 (dez) Competências Gerais da Base apresentam relação teórica ou metodológica com a Mídia-educação ou Educomunicação.

No caso, são contemplados elementos que se relacionam à expressão cultural, ao uso das diferentes linguagens, à criação e à utilização de tecnologias digitais de informação e comunicação, sempre com a expressa recomendação de que isso se faça de forma crítica, significativa, reflexiva e ética. Finalmente, é indicado o emprego de práticas de gestão educacional, para lembrar que as recomendações não se limitam ao universo da mídia-educação, mas se estendem ao domínio dos processos de gestão da prática comunicativa proposta pela educomunicação”. (SOARES, 2018, p. 12)

Soares conclui sua análise enfatizando que:

O texto oficial tem o cuidado de indicar que o tema das comunicações e suas tecnologias é absolutamente novo no sistema escolar brasileiro, fato que justifica o volume de dados inseridos no tópico destinado a tratar os elementos relativos aos “novos” letramentos”: (2018, p.20)

De maneira geral, as regulamentações educacionais – DCNs, BNCC, Resoluções do CNE (Conselho Nacional de Educação), entre outros – discorrem sobre o uso de tecnologias de informação e comunicação na educação. Soares (2015) destaca que o próprio MEC propõe que a comunicação esteja inserida de fato nos conteúdos do currículo, não apenas como instrumento de análise, mas como instrumento de produção do conhecimento.

Todavia, Soares destaca a importância de políticas públicas na área da mídia-educação e educomunicação em todas as esferas governamentais para que de fato sejam implementados nas escolas “procedimentos que deem respostas às demandas que o próprio poder público já reconhece como de máxima urgência, conforme explicitado no próprio texto da BNCC”. (2018, p.22)

Na contramão das políticas públicas em mídia-educação, outra discussão se apresenta: a resistência da própria Escola. Segundo Citelli (2007, p. 7):

A escola é a instituição na qual se concentra o processo de educação formal. Daí por que durante muito tempo a leitura, entendida como quase sinônimo de alfabetização pela palavra, se confundiu com um espaço específico de aprendizagem: a sala de aula. A linguagem verbal, concebida quase exclusivamente como recurso, veículo, instrumento do bem pensar,

foi considerada um dos núcleos mais significativos das dinâmicas escolares, quando não, o único.

Contudo Citelli (2007) salienta que em tempos atuais a comunicação, disseminação de informações e produção do conhecimento já não respeita mais a lógica institucional, ou seja, a escola não é mais o único espaço de produção do saber, assim como, a linguagem verbal e escrita, embora extremamente importantes, não são mais as formas predominantes de comunicação. O autor enfatiza que, diante deste quadro, a escola necessita buscar novos caminhos, novos meios, novos métodos.

Soares (2000) entende que a mudança no formato comunicacional escolar muda as relações sociais hierarquizadas na escola e, desta forma, o autor também presume que essa mudança não seja bem vista por parte da Escola, uma instituição considerada conservadora. O autor afirma que a cultura de mídia é muitas vezes vista “com desconfiança pela escola porque funciona como elemento desequilibrador das ambiências das aprendizagens herdadas por tradição”. (Idem, p.21)

Para Citelli (2009, p.10):

Talvez a escola conceba os meios de comunicação como adversários a serem combatidos, visto estarem dotados de discursos manipuladores, carregados de interesses comerciais, funcionando como pontas de lança da dominação e da tentativa de submeter as massas ao rigoroso regime da exploração de classe etc. Os media, por sua vez, costumam ver a escola como deslocada das demandas sociais, avessa a mudanças, adaptada a ritmos burocráticos que impedem a existência de uma educação de qualidade compromissada com os requisitos de um tempo que solicita agilidade de formação, adaptação aos apelos do mercado, sendo incapaz de responder aos desígnios do mundo globalizado.

Na opinião do autor há um enrijecimento nos vínculos entre escola, meios de comunicação e vida cotidiana. Apesar de estarem completamente atrelados e possibilitarem aí a promoção de um ecossistema comunicativo<sup>3</sup> que favoreceria a todos, prevalece um sentimento de alteridade entre as três esferas.

---

<sup>3</sup> Sobre Ecossistemas Comunicativos – Cf. SALVATIERRA, Eliany. Ecossistema Cognitivo e Comunicativo. Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/wcp/arg/textos/201.pdf>



(...) as práticas desenvolvidas em sala de aula estão conectadas com valores e referências instruídas por expectativas enciclopédicas, propedêuticas, nem sempre equacionadas aos requisitos dos alunos ou mesmo das dinâmicas sociais. Os media, em luta permanente para homogeneizar falas, completam aparentes faltas da escola, apresentando-se como um outro, pleno de sedução e capacidade de acenar com informações aparentemente suficientes para dispensar agências que lhes possam fazer concorrência, no mister de arrolar dados e narrar toda sorte de acontecimento. [...] Se a escola, os media e a rua possuem centros de valor que os singularizam, ao mesmo tempo tais instâncias (re)alimentam-se. (CITELLI, 2009, p.8)

Segundo afirma Citelli (2007), a escola caminha paralelamente aos meios de comunicação e, entretanto, é o lugar privilegiado para se discutir a cultura social e comunicacional contemporânea. O autor aponta o ensino formal como meio para a promoção da aprendizagem de leitura dos meios de comunicação uma vez que o contexto midiático ressignificou os sistemas de signos e linguagens concebidos até então como predominantes e que essa mudança demanda uma nova compreensão e leitura de mundo nos dias atuais. Os discursos dominantes da mídia em impor culturas, valores, por exemplo, continuam os mesmos, explica o autor, contudo os meios para atingir o público certamente se ampliaram.

Na opinião de Soares (2018, p. 16):

A compreensão dos estudantes como sujeitos com histórias e saberes construídos nas interações com outras pessoas, tanto do entorno social mais próximo quanto do universo da cultura midiática e digital, fortalece o potencial da escola como espaço formador e orientador para a cidadania consciente, crítica e participativa.

Nesse sentido os autores defendem a aproximação da escola com os meios de comunicação para que através das múltiplas linguagens seja possível promover uma educação mais significativa e contextualizada com as demandas do tempo presente, entretanto, entendem também que a relação entre escola e tecnologias de informação e comunicação ainda é receosa.

Ainda sobre a reserva da escola com relação às tecnologias modernas, mas agora trazendo à discussão questões relativas à infraestrutura escolar, é possível advogar em favor da grande maioria dos estabelecimentos de ensino públicos do nosso país defendendo a falta de infraestrutura em tecnologias.

É sabido que muitas escolas no Brasil não dispõem de recursos mínimos para se promover educação de qualidade e, diante disso, discutir a falta de infraestrutura em tecnologias, soa desprazeroso, pois, se há por um lado escolas sendo equipadas

com aparelhos de suporte tecnológico, por outro “prosseguem as conhecidas carências da educação formal” (CITELLI, 2012, p.8). Contudo, as discussões aqui suscitadas demandam entrar nesse mérito.

Sobre o investimento em infraestrutura tecnológica nas escolas Citelli (2012) afirma que no desenrolar das discussões sobre o assunto existem muitos prós e contras em debates acalorados, e termos como “tecnicismo” e “tecnofobia” permeiam as discussões.

Para uns, a entrada dos meios de comunicação na sala de aula, compreendendo tanto os computadores como outros suportes digitais, esclarece a falsa superação de um conjunto de problemas crônicos que persistem no sistema escolar, haja vista as precárias condições de trabalho dos professores e da formação qualificada dos estudantes. O usufruário maior da ação “modernizadora” seria a indústria eletrônica, com a sua imensa capacidade de gerar obsolescência de padrões tecnológicos e conseqüente exigência para os seguidos programas governamentais de mudança de equipamentos nas escolas.

Para outros, as instituições educativas encarnam o medo de enfrentar os desafios propostos pelo mundo contemporâneo, em sua complexidade sociotécnica. (Idem, p.9)

Nesta senda evidencia-se, segundo o autor, um misto entre falta de infraestrutura e o desuso intencional, pautado na cultura do conservadorismo, da tradição dos processos didático-pedagógicos por parte das instituições e/ou dos próprios docentes.

Todavia, Citelli (2010b) também compreende que a escola e o Estado passam por uma situação complexa quando o assunto é infraestrutura tecnológica, a julgar pela cobrança da modernização do ensino e a efemeridade dos aparatos tecnológicos.

O autor lembra que, com o avançado desenvolvimento tecnológico nos dias atuais, o que é de última geração hoje, pode entrar em detrimento por outro modelo amanhã, como foi o caso dos videocassetes nas escolas que logo perderam espaço e status para os aparelhos de DVD que logo perderam espaço para outro suporte, o Datashow. Não obstante, o autor defende que:

O sistema escolar pode e deve proceder à incorporação do potencial oferecido pelas tecnologias, sejam elas digitais ou não – sem com isto cair no reducionismo tecnicista –, ao mesmo passo em que se envolve em programas de revalorização dos educadores, em atividades dentro e fora da sala de aula, criando condições para aberturas no processo didático pedagógico, nas relações ensino-aprendizagem. (CITELLI, 2012, p.9)

De acordo com o autor é preciso que a escola desenvolva planejamento, estabelecimento de metas e objetivos para o uso das tecnologias para aí sim investir nesse segmento.

A formação docente para trabalhar novas formas de linguagem em sala de aula é outro fator em discussão quando se trata do uso de tecnologias de mídia na educação formal. Há no cerne destas discussões duas questões latejantes: a falta de formação para a mídia-educação e o receio do profissional em “perder seu papel” para os suportes tecnológicos.

Para ensejar essa discussão, recorre-se a fala de Soares (2007, p. 38):

Diante da apreensão geral, o sistema educativo procura aproximar-se das tecnologias de forma recatada. Tecnologia sim, mas sob controle. Seu uso com parcimônia justifica-se para garantir a performance do professor, melhorando sua didática ou distribuindo conteúdos de maneira mais barata e rápida. Nada que pretenda incentivar o uso indiscriminado do novo aparato tecnológico ou que venha desviar ou alterar o equilíbrio de força na teia das relações no espaço escolar. Em outras palavras, o aluno não estaria autorizado a avançar mais que o professor, mantendo-se intacta, dessa forma, a hierarquia funcional na produção do conhecimento.

Ainda assim, o autor aponta que muitos professores, ao contrário, investem no caminho das tecnologias e compreendem a irreversibilidade do papel que as tecnologias de mídia ocupam na vida das pessoas nos dias atuais, bem como, suas possibilidades benéficas ao processo educacional. Soares (2007) ainda enfatiza que, se o jovem hoje se identifica com a tecnologia, a educação deve valer-se dessa relação e construir novas formas de ensinar e aprender no contexto da midiaticização.

Aos olhos de Citelli (2012, p. 7-8):

A difusão dos computadores, da internet, dos tablets, para indicarmos alguns dos suportes que tiveram entrada nas salas de aula, facultou aos docentes e discentes não apenas empreender outras estratégias de acesso ao conhecimento e à informação, como forçou o aparato educativo a reconstituir e reposicionar as relações de ensino-aprendizagem.

O autor afirma que a cultura midiática lançou novos desafios à educação e principalmente aos professores que estão na linha de frente dos processos de ensino e aprendizagem. A formação docente para o uso das tecnologias de mídia é o fator central de preocupação segundo Citelli. “Os motivos da preocupação parecem claros, afinal, os docentes continuam sendo o grande agente mediador dos

nexos com os discentes, que, por seu turno, estão marcados pela sociedade da informação e da comunicação” (2010b, p.16).

A comunicação ganha notoriedade e ocupa hoje papel central nas relações sociais e, por essa razão, alguns cursos de formação de professores, ou seja, cursos de Licenciatura, ajustaram suas grades curriculares para contemplar disciplinas que atendessem às necessidades educacionais contemporâneas à sociedade da informação e da comunicação.

Citelli (2010b) diz que, diante deste cenário, é compreensível que cursos de Licenciatura tenham inserido em suas grades curriculares, mesmo que timidamente, disciplinas intituladas: Mídia e Educação; Educação para Mídias; Educação e Novas Tecnologias; entre outras. Contudo, o autor salienta que ainda é grande o número de cursos de formação docente que negligenciam a dinâmica social atual cerceada pelos meios de comunicação e suas múltiplas linguagens, empregando pouca atenção à inserção de disciplinas que contemplem essa temática em suas grades curriculares.

Vale dizer, a despeito dos novos paradigmas sociotécnicos, da ambiência mediática, da presença dos nativos digitais, (...) os programas de formação para o magistério tendem a permanecer amarrados a outros contornos epistemológicos, certamente de extrema importância (...) mas insuficientes para abranger demandas, expectativas, contradições, jogos de linguagem, operações de acobertamentos e revelações, que a amplitude da comunicação oferece à vida social. (Idem, p. 15)

O autor conclui que a falta de formação para a comunicação nos cursos de Licenciatura é um fator determinante para os desencontros entre comunicação e educação nas salas de aula, principalmente considerando que temos hoje nas escolas uma clientela formada por nativos digitais<sup>4</sup>.

Ao entrar no mérito dos “nativos digitais”, pode-se levar em consideração que muitos professores ainda atuantes na docência contemplam a lista dos “imigrantes digitais” e normalmente têm pouca familiaridade com as tecnologias modernas. Esse

---

<sup>4</sup> Sobre nativos e imigrantes digitais – Cf. Prensky, Marc. Nativos Digitais, Imigrantes Digitais. On the Horizon – NCB University Press, Vol. 9 No. 5, Outubro 2001. Disponível em: [https://colegiongeracao.com.br/novageracao/2\\_intencoes/nativos.pdf](https://colegiongeracao.com.br/novageracao/2_intencoes/nativos.pdf).

pode, portanto, ser considerado um fator pelo qual o conservadorismo da linguagem verbal e escrita predomina ainda as práticas pedagógicas nas escolas.

Soares (2007, p. 32), destaca que:

Da parte dos usuários, a maioria dos envolvidos pelos meios de comunicação digital – crianças e jovens, especialmente – gosta de conviver com as novas linguagens e os novos modos de produção e transmissão do conhecimento e sente-se confortável em relação ao seu uso, enquanto as gerações mais velhas ainda mantêm dúvidas, especialmente se o assunto é a educação formal.

É preciso, porém considerar que não só os estudantes, mas também os professores – independente da faixa etária – convivem e fazem uso de meios comunicacionais modernos nos dias atuais, mesmo que não na mesma proporção ou com a mesma habilidade.

Não obstante, ao realizar uma pesquisa entre os anos de 2006 a 2008 com jovens professores (faixa etária 30 anos) da rede pública estadual e municipal de São Paulo, Citelli (2010c) concluiu que, ao contrário do que se pode pensar, a idade, ou seja, a contemporaneidade com as tecnologias e o fato de terem tido acesso a alguma disciplina que contemplasse temáticas ligadas à comunicação e tecnologias nos cursos de Licenciatura, não indica que inovações estejam sendo levadas às salas de aula por esses jovens professores. Como resultado da pesquisa o autor conclui que:

(...) as práticas em sala de aula não parecem ter mudado substancialmente pelo fato de os jovens docentes estarem mais integrados aos circuitos da comunicação. A posse de computadores e televisão a cabo ou o acesso à internet não garantem, nas práticas do magistério, a passagem da sociedade industrial para o polo informático mediático. Neste aspecto, professores de diferentes faixas etárias dão continuidade a uma estrutura escolar complexa, cifrada por inúmeros problemas, que convidam à manutenção de dinâmicas propedêuticas e rotinas normatizadas que funcionam como fatores de conservação dos processos educativos formais. Existe, aqui, uma espécie de patamar comum a unir gerações diferentes de docentes. (CITELLI, 2010c, p.23)

O autor completa dizendo que mais de 90% dos participantes de sua pesquisa dizem se sentir despreparados para trabalhar novas formas de linguagem pautadas nas tecnologias de mídia e afirmam necessitar de formação continuada na área de mídia-educação como forma de suprir as deficiências do seu curso de graduação. “Trata-se de ampla manifestação de insegurança e/ou déficit de

formação inicial para estabelecer fluxos e diálogos entre as subculturas escolares e as dos meios de comunicação”. (CITELLI, 2010c, p. 22)

Como um desabafo, Citelli (2010c) exprime que, neste tempo, já esperava uma prática pedagógica mais sincretizada entre tradição e inovação, pois, segundo ele, a tradição escolar não deve ser posta de lado, pois tem seu valor, porém é preciso dar espaço para as novas linguagens, levando em conta as novas sociabilidades balizadas pelas novas formas de se comunicar, interagir, se informar e construir saberes. “O fato de o nosso tempo estar balizado pelos imperativos comunicacionais que se desdobram em variáveis tecnológicas, culturais, societárias, ainda não alcançou, substancialmente, a educação formal”. (Idem, p. 23)

Após a apresentação do pensamento de Soares e Citelli a respeito dos fatores considerados entraves para que a escola conecte-se ao universo das tecnologias de mídia, questiona-se: Mas, afinal, como Soares e Citelli pensam a interface da educação conectada à interface da comunicação, naquilo que denomina-se Educomunicação?

Segundo Citelli (2010b, p. 13):

Existem várias maneiras de trabalhar os vínculos da comunicação com a educação. Há o plano epistemológico voltado a indagar acerca de possível novo campo reflexivo e interventivo resultante dos encontros, desencontros, tensões, entre os processos comunicacionais e a educação. Esta, em particular, sobretudo quando pensada em sua dimensão formal, vivendo o permanente desafio representado pelas TICs, pelas intercorrências das culturas mediáticas, pelas novas maneiras de os sujeitos serem e estarem no mundo. Podemos agregar a esse vetor de caráter epistêmico uma série de outros afeitos, por exemplo, as relações media-escola, a alfabetização para a comunicação, a leitura crítica dos meios e os estatutos que animam as relações ensino-aprendizagem promovidas, agora, por novos dispositivos de produção, circulação e recepção do conhecimento e da informação.

Soares (2014) acrescenta que a Educomunicação tem como um de seus principais anseios o melhoramento da capacidade da criança e do jovem em se expressar e, pensando em educação, certamente uma maior liberdade de expressão dos educandos na escola.

Na escola, o que se propõe é a revisão das disfunções comunicativas oriundas das relações de poder, buscando-se formas democráticas e participativas da gestão escolar, com o envolvimento das novas gerações. O que distingue este protocolo é sua intencionalidade: valoriza a mídia e inclui sua análise e uso como procedimento metodológico, mas vai além dela em seus propósitos e metas. Opera por projetos, valorizando todas as formas de expressão, especialmente a artística, tendo como objetivo a

ampliação do potencial comunicativo da comunidade educativa e de cada um de seus membros. No caso, professores e alunos são igualmente aprendizes e igualmente educadores. (SOARES, 2014, p.18)

Para Soares (2000), aliar comunicação e educação compreende: educar para a comunicação; fazer uso de diferentes tecnologias de informação e comunicação na educação; implementar ecossistemas comunicativos na escola e promover reflexões epistemológicas sobre os encadeamentos entre comunicação e educação como fenômeno cultural em ascensão.

Educar para a comunicação, segundo o autor, significa que a comunicação não deve ser usada como instrumento para a educação, mas como “eixo vertebrador dos processos educativos” (SOARES, 2000, p.20). Ou seja, a comunicação deve servir como base para a construção de uma educação inovadora. Isso significa que a educação, nesse caso, deve também possibilitar ao educando uma leitura crítica dos meios de comunicação com foco no desenvolvimento cultural que a mídia constrói.

Citelli (2007) entende que a cultura de massa, promovida pelos meios de comunicação, também são persuasivas em criar padrões, produzir uma representação da realidade e formar identidades. Nesse sentido a leitura crítica da mídia torna-se essencial, principalmente em tempos de midiatização social.

(...) a escola pode proceder a programas de alfabetização midiática, propugnando que se tornou tarefa da educação formal convidar os alunos a ler e produzir materiais que permitam apreender como as mensagens dos meios de comunicação são constituídas, quais suas implicações e até onde trabalhar com elas pode ajudar na ampliação do senso crítico, na visagem menos ingênua perante os processos comunicativos. Tal chamamento ancora-se no pressuposto de que os conteúdos e as formas midiáticas estão fundamente presentes na escola, a despeito de serem, muitas vezes, esmaecidas, escondidas ou sonegadas: a televisão, a internet, o rádio tornaram-se onipresentes na vida dos estudantes, estando com eles mesmo quando, na sala de aula, nos pátios, não se apresentam fisicamente. (CITELLI, 2007, p.9)

Sobre o uso das tecnologias de mídia na educação, seu objetivo maior é explorar diferentes formas de linguagem no fazer pedagógico com a inclusão de música, imagens, vídeos, não só de forma instrumental, mas como produção. O que se propõe é criar novas possibilidades comunicacionais em sala de aula e, porque não dizer, fora dela.

Nessa linha, cabe à educação superar a visão ainda hegemônica de que as TICs – Tecnologias da Informação e da Comunicação sejam exclusivamente instrumentos voltados para ampliar o repertório dos docentes, em suas atividades didáticas. A nova proposta – baseada justamente na manifestação de adesão do jovem brasileiro à capacidade operacional das tecnologias digitais em ampliar os espaços de comunicação – associa o gosto pela experiência on-line à vocação gregária das pessoas, sejam crianças, jovens ou adultos; reconhece-se, dessa forma, o relacionamento virtual como espaço legítimo de produção colaborativa de novas referências para o convívio humano. (Soares, 2007, p.38)

Sintetizando, as comunidades virtuais de aprendizagem não precisam se limitar ao uso daqueles envolvidos em processos de ensino-aprendizagem da modalidade de Educação à Distância. É possível ampliar o espaço da sala de aula e suas funcionalidades através dos meios tecnológicos digitais dos quais dispomos.

Conforme a perspectiva da educomunicação, o ambiente educacional tem sido extremamente favorecido pela criação de comunidades virtuais, uma vez que a busca de informações e os contatos interpessoais propiciados pela rede mundial de computadores auxiliam a cooperação, um dos princípios básicos das mais atualizadas teorias da educação. (...) Para tanto, é de fundamental importância a valorização desse modelo pelo sistema educativo (ou educomunicativo), posicionando-se o professor como mediador das relações entre seus alunos e a máquina. (SOARES, 2007, p.39)

Ainda segundo o autor:

Fica cada vez mais claro que o crescimento da internet e de sua incrível popularidade entre os jovens amplia o ecossistema comunicativo criado pelo ambiente escolar, aumentando as possibilidades de interação. Vivemos em comunidades e buscamos comunidades, e isso somente pode ser feito através da comunicação e do uso de todos os seus meios e linguagens e, no caso das comunidades virtuais, por meio das mídias eletrônicas. O caminho, portanto, propõe sua adoção, com cuidado, mas sem temores. A liberdade no uso colaborativo dos novos meios de informação vem alcançando alguns resultados relevantes, tais como: 1) A eliminação do temor em relação ao novo. Uma pedagogia de convívio positivo com as tecnologias garante novo sentido à prática educativa. 2) A ampliação das habilidades de comunicação dos membros das comunidades – tanto professores quanto alunos –, transformando educadores e educandos em protagonistas de seus próprios processos de construção coletiva do saber e do conviver. (SOARES, 2007, p.40)

Citelli (2010b) corrobora com o pensamento de Soares e enfatiza que esse novo desafio lançado à educação no contexto de uma sociedade midiaticizada considerando os paradigmas atuais dos sistemas de comunicação e acesso à informação, bem como, a forma de se produzir e compartilhar saberes, precisam ser pensados a partir de um ecossistema comunicativo, caracterizado por uma



comunicação multidirecional e intercambiável entre escola, família, comunidade e os meios de comunicação em geral (rádio, televisão, internet, etc.)

No caso, a família, a comunidade educativa ou uma emissora de rádio criam, respectivamente, ecossistemas comunicacionais. Os indivíduos e as instituições podem pertencer e atuar, simultaneamente, em distintos ecossistemas comunicacionais, uns exercendo influências sobre os outros. A gestão da comunicação nos espaços educativos produz-se tanto nos ambientes voltados para programas escolares formais, quanto naqueles dedicados ao desenvolvimento de ações não-formais de educação, como nas emissoras de rádio e de televisão educativas, nas editoras e centros produtores de material didático, nas instituições que administram programas de educação a distância e nos centros culturais". (SOARES, 2000, p. 23)

Soares (2000, p.23) também defende uma reflexão epistemológica sobre Educomunicação, que segundo ele, vem se construindo através de uma "reflexão acadêmica, metodologicamente conduzida, que vem garantindo unicidade às práticas da Educomunicação, permitindo que o campo seja reconhecido, evolua e se legitime".

Para finalizar, postas as defesas dos autores com relação à Educomunicação como proposta para se promover inovações na educação, porém, com ciência de todos os problemas pelos quais a educação formal enfrenta, recorre-se novamente a Citelli quando salienta:

Certamente não se está, aqui, afirmando haver nas escolas um ambiente educativo favorável à efetivação de projetos político-pedagógicos voltados à formação plena dos alunos – no que se inclui a alfabetização para mais bem compreender o papel e as determinações envolvidas com os meios de comunicação –, tampouco se proclama existir correlação imediata entre computadores, equipamentos de rádio, internet e a melhoria na qualidade de ensino. Ao contrário, o que se encontra em sala de aula é, muitas vezes, um sistema em crise, com enorme quantidade de problemas, e que não consegue cumprir o seu objetivo fim: promover ensino de qualidade aos estudantes. (2010b, p.19)

Apesar da constatação do autor, Ismar de Oliveira Soares e Adilson Citelli corroboram da certeza de que a Educomunicação será capaz de promover uma educação mais emancipatória, democrática, capaz de aproximar os estudantes de sua realidade cotidiana, fortalecendo o potencial da escola enquanto lugar privilegiado de formação de sujeitos conscientes, críticos e participativos de seu meio.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desenrolar das discussões aqui propostas, foi possível perceber a complexidade que circunda a interação entre educação e comunicação no tempo presente. A construção do conhecimento se faz através de um processo comunicacional/interacional entre o ser e o objeto e esse processo independe da presença de mídia.

Entretanto, no seguimento de educação institucional, a mídia se faz cada vez mais necessária como instrumento de comunicação e interação entre o objeto e os sujeitos da educação na atualidade. A compreensão dos processos comunicativos contemporâneos, ou seja, midiáticos, se torna cada vez mais importante para a lógica educacional.

Vivencia-se a era da cultura digital e se as escolas almejam preparar cidadãos ativos, críticos e participativos na sociedade; se almejam formar cidadãos em sua integralidade, não é possível negligenciar a nova forma de se comunicar e de acessar informações na sociedade atual.

O termo “tecnologia” está presente na redação de todas as leis e documentos que versam sobre a educação básica no Brasil e apontados como essenciais para o processo educacional na atualidade, em todos os níveis de ensino. Contudo, a efetivação de tudo o que as propostas educacionais definem, na maioria das vezes, fica restrito à teoria, tendo em conta que os desafios educacionais no Brasil são muitos.

Não obstante, as inovações tecnológicas comunicacionais vêm desenhando um caminho mais flexível, interativo e descentralizado para a educação. Gradativamente assistiremos a efetiva integração de novas formas de linguagem aos processos educacionais que prometem revolucionar o ensino e a aprendizagem, principalmente no que tange o papel de seus agentes principais, professor e aluno.

Os objetivos educomunicacionais no uso de ferramentas tecnológicas de comunicação em favor do melhoramento do fluxo comunicacional nas escolas, prima por uma nova relação pedagógica entre os agentes da educação; pelo protagonismo dos alunos diante dos meios; de reflexão e ação sobre e através dos meios; bem como, pelo favorecimento de ecossistemas comunicativos que certamente

contribuirão positivamente para uma educação mais aberta, democrática e produtiva.

Espera-se que os fatores aqui elencados como entraves para a consolidação de uma educação contextualizada com as demandas do tempo presente, tendo como referência a sociedade midiaticizada, pouco a pouco sejam superados, pois tem-se ciência de que os caminhos a serem trilhados nessa nova jornada da educação que se propõe são longos e apenas estão sendo dados os primeiros passos.

Esta breve reflexão possibilitou compreender a complexidade da interação entre comunicação e educação em tempos de sociedade midiaticizada e concluir que essa complexidade se justifica, afinal, é possível afirmar que o que estamos vivendo é ainda um momento de transição e a inter-relação entre comunicação e educação, balizada pelas tecnologias de mídia, é um campo em construção na sociedade atual.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Raija. Estudando, Refletindo e Praticando Educomunicação na Educação Formal. In: SOARES, I. O.; VIANA, C. E.; XAVIER, J. B. (Orgs). **Educomunicação e suas áreas de intervenção: novos paradigmas para o diálogo intercultural**. São Paulo, 05 de dezembro de 2017. Disponível em: <<http://www.abpeducom.org.br/wp-content/uploads/2018/05/Livro-Educom-pagina-a-pagina.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Presses Univcrsitaires de France. 1977 Tradução de Luís Antero Reta e Augusto Pinheiro. Capa de Edições 70. Disponível em: <<https://www.ets.ufpb.br/pdf/2013/2%20Metodos%20quantitat%20e%20qualitat%20%20IFES/Bauman,%20Bourdieu,%20Elias/Livros%20de%20Metodologia/Bardin%20-%201977%20-%20An%C3%A1lise%20de%20Conte%C3%BAdo.pdf>>. Acesso em: 03 mai. 2020.

CAMPOS, M. C. **Importância da comunicação na gestão do trabalho pedagógico**. (Monografia). Especialização em Coordenação Pedagógica, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná – UFPR – Curitiba: 2016. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/53364/R%20-%20E%20%20MARIA%20CAROLINA%20CAMPOS.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 19 jul. 2020.

CASAROLI, L.; PERUZZULO, A. C. A força da comunicação na sociedade midiática. **Comunicologia**, vol. 1, nr. 1, Jan./Dez., 2008. Disponível em: <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RCEUCB/article/view/864>>. Acesso em: 27 mar. 2020.

CITELLI, A. A linguagem entre a comunicação e a educação. **Comunicação & Educação**, v. 11, n. 1, p. 7-11, 30 abr. 2006. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37557>>. Acesso em: 11 mar. 2020.

\_\_\_\_\_. Escola, linguagem e diversidade cultural nos contextos midiáticos. **Comunicação & Educação**, v. 12, n. 3, p. 7-13, 30 dez. 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37653>>. Acesso em: 11 mar. 2020

\_\_\_\_\_. Comunicação e educação: passagens e deslocamentos. **Comunicação & Educação**, v. 14, n. 1, p. 7-13, 30 abr. 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/43321>>. Acesso em: 11 mar. 2020.

\_\_\_\_\_. Comunicação e educação: convergências educomunicativas. **Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo: vol. 7, n. 19, jul. 2010a. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/195/193>>. Acesso em: 04 mar. 2020.

\_\_\_\_\_. Comunicação e educação: implicações contemporâneas. **Comunicação & Educação**, v. 15, n. 2, p. 13-27, 30 ago. 2010b. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/44821>>. Acesso em: 11 mar. 2020.

\_\_\_\_\_. Linguagens da comunicação e desafios educacionais: o problema da formação dos jovens docentes. **Comunicação & Educação**, v. 15, n. 1, p. 15-26, 30 abr. 2010c. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/43864>>. Acesso em: 11 mar. 2020.

\_\_\_\_\_. Inflexões educomunicativas. **Comunicação & Educação**, v. 17, n. 1, p. 7-12, 30 jun. 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/44900>>. Acesso em: 11 mar. 2020.

\_\_\_\_\_. Comunicação e educação: o problema da aceleração temporal. **Intercom** - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro, RJ – 4 a 7/9/2015. Disponível em: <<http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/biblioteca/acervo/producao-academica/002736038.pdf>>. Acesso em: 13 mar. 2020.

CITELLI, A.; SOARES, I.; LOPES, M. Educomunicação: referências para uma construção metodológica. **Comunicação & Educação**, v. 24, n. 2, p. 12-25, 30 dez. 2019. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/165330>>. Acesso em: 15 mar. 2020.

CORAZZA, Helena. Miatização e mudanças no processo educativo. **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Fortaleza, CE – 3 a 7/9/2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-0085-2.pdf>>. Acesso em: 08 ago. 2019.

FREIRE, Paulo. 1921-1997. **Extensão ou comunicação?** [recurso eletrônico] / tradução: Rosiska Darcy de Oliveira. - [1. ed.] - Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2013.

KAPLÚN, Mario. **Una pedagogía de la comunicación**. Ediciones de la Torre – Madrid, 1998. [recurso eletrônico]. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2167006/mod\\_resource/content/1/Uma%20Pedagogia%20da%20Comunica%C3%A7%C3%A3o\\_%20M%C3%A1rio%20Kaplun.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2167006/mod_resource/content/1/Uma%20Pedagogia%20da%20Comunica%C3%A7%C3%A3o_%20M%C3%A1rio%20Kaplun.pdf)>. Acesso em: 15 abr. 2020.

KENSKI, V. M. Educação e Comunicação: interconexões e convergências. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 29, n. 104 - Especial, p. 647-665, out. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v29n104/a0229104.pdf>>. Acesso em: 19 jul. 2019.

MORAN, José Manuel. A contribuição das tecnologias para uma educação inovadora. **Revista Contrapontos**, Itajaí, SC., v. 4, n. 2, p. 347-356, mar. 2009. Disponível em: <<https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/785/642>>. Acesso em: 11 mar. 2020.

PÉRSIGO, P. M. ; FOSSÁ, M. I. T. Da Sociedade Midiática à Midiatizada: uma atualização da comunicação organizacional. **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul. Novo Hamburgo, 17-19 mai. 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2010/resumos/R20-0580-1.pdf>>. Acesso em: 27 mar. 2020.

SOARES, I. Educomunicação: um campo de mediações. **Comunicação & Educação**, n. 19, p. 12-24, 30 dez. 2000. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36934>>. Acesso em: 25 fev. 2020.

\_\_\_\_\_. A mediação tecnológica nos espaços educativos: uma perspectiva educacional. **Comunicação & Educação**, v. 12, n. 1, p. 31-40, 30 abr. 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37617>>. Acesso em: 08 abr 2020.

\_\_\_\_\_. Educomunicação e Educação Midiática: vertentes históricas de aproximação entre comunicação e educação. **Comunicação & Educação**, v. 19, n. 2, p. 15-26, 22 set. 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/72037>>. Acesso em: 25 fev. 2020.

\_\_\_\_\_. A Educomunicação, em diálogo com as tecnologias, na Educação Básica. **Comunicação & Educação**, v. 20, n. 2, p. 7-14, 1 out. 2015. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/102310>>. Acesso em: 06 mar. 2020.

\_\_\_\_\_. A Educomunicação possível: uma análise da proposta curricular do MEC para o Ensino Básico. **Comunicação & Educação**, Ano XXI, nr 1. Jan/Jun 2016. Disponível em: < <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6072178.pdf>>. Acesso: 11 mar. 2020.

\_\_\_\_\_. Educomunicação, paradigma indispensável à renovação curricular no ensino básico no Brasil. **Comunicação & Educação**, v. 23, n. 1, p. 7-24, 7 jun. 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/144832>>. Acesso em: 20 mar. 2020.

SODRÉ, M. Sobre a episteme comunicacional. **MATRIZES**, v. 1, n. 1, p. 15-26, 15 out. 2007. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38174>>. Acesso em: 30 abr. 2020.

ZANFORLIM, Flávia; GULIN, Giovana. Formação em Educomunicação: a Cultura Educomunicativa em Evidência. In: SOARES, I. O.; VIANA, C. E.; XAVIER, J. B. (Orgs). **Educomunicação e suas áreas de intervenção: novos paradigmas para o diálogo intercultural**. São Paulo, 05 de dezembro de 2017. Disponível em: <<http://www.abpeducom.org.br/wp-content/uploads/2018/05/Livro-Educom-pagina-a-pagina.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2020.